

Publica-se aos sábados
Sob os auspícios da Liga
Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANO 10\$000
SEMESTRE 5\$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior
há a diferença do porte do Correio.

Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDUARD LEUBENKOT
Redação e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegráfico: LANTERNA
Toda correspondência ao director

Cuspindo para o ar

ROMA, 4 (Havas). — O ministro dos Estrangeiros, sr. marchese de San Giuliano, respondendo à consulta de várias companhias italianas que desejam estabelecer uma linha directa entre a Itália e o Brasil, disse opinar não ter de grande utilidade o desenvolvimento da emigração para o Brasil.

(Do Correio, de 5).

É esta a resposta que todos os governos estrangeiros devem dar à súcia de malandrinhas que pensam por meio de leis absurdas como a de expulsão de estrangeiros entravar o movimento da classe trabalhadora para a conquista da sua emancipação económica. Estes desequilibrados julgam que o emigrante, o estrangeiro deve deixar na terra onde nasceu as suas convicções, o seu cérebro, a sua independência moral e só conservar a robustez física do animal para poder carregar a carga pesada que lhe está reservada ao pisar o solo desta pátria.

Esta mesma robustez, pela qual os exploradores do gado humano deviam velar, se lhes restasse um pouco de inteligência prática, no fim de pouco tempo desapareceria por completo com o excesso de trabalho e de privações de toda sorte a que são submetidos os infelizes que se viram obrigados a vender os braços por um pedaço de pão, como podem ver todos aqueles que aqui vivem.

A corja encasacada de mãos dadas com a matilha de sotaque e de palmas, salta de contentamento cada vez que o povo recebe com a indiferença de mulçumões os golpes que eles desfecham sobre o seu dorso magro e ferido de animal resignado.

OS SANTOS REIS

Da suposta vida e milagre de Cristo, são muitos anos depois do seu desaparecimento e daqueles que os poderiam ter rodeado, principiar a correr umas vozes confusas e contraditórias. Estas vozes confusas foram-se fixando em caracteres escritos e circulando de mão em mão, sob a forma de pequenos livros chamados Evangelhos, pela forma porque ainda hoje circulam, entre o nosso povo, a história dos «Corvoados de Santarém» e o «Bertoldinho» — escritos não se sabe onde nem por quem.

Muitos desses Evangelhos foram considerados apócrifos pela Igreja, que apenas considera canónicos os quatro que mais lhe convêm e que se dizem escritos ou ditados por Mateus, Marcos, Lucas e João.

Quem são, porém, estas personagens? Onde nasceram, onde viveram, qual é a sua genealogia? Ignoramos. Diz-se, sem fundamento, que viveram no século de Augusto, no apogeu da literatura e da história de Roma, na Judeia, que então era dominada pelos romanos. Os grandes historiadores e literatos desse tempo dão conta de factos muito secundários; mas nenhum deles se refere a Mateus, Marcos, Lucas ou João. E são estes, que não têm quem deles faça fé, que fazem fé da existência de Cristo!!!

Ha uma serie de dúvidas que constantemente surgem sempre que se trata de averiguar a existência do personagem a quem se referem os Evangelhos. Muitos outros existem, porém, e uma delas é referente aos «santos reis», de que reza o calendario católico depois de amanhã.

Os reis magos, diz a Igreja, foram adorar Cristo porque ele

Descendente da maior parte de escravos, daqueles que muitas vezes não tinham o menor escrúpulo em vender os próprios parentes filhos de suas escravas, estes perversos que ainda trazem em si a crueldade do bárbaro, herança atávica dos seus progenitores, destes cruéis torturadores de homens da raça que durante quatro séculos de martirio arrosteou e fêz do solo virgem do Brasil, não trepidarão em ir cercando, restringindo, anulando, pouco a pouco, a sociedade, todas as conquistas liberais para garantir-se o bem estar e perpetuar o domínio da classe a que pertencem.

Porém é demasiado tarde para reconquistar o terreno perdido, senhores da finança, senhores da botina. Deportai-vos, expulsai os nossos camaradas, — as ideias aqui semeadas por eles já passaram pelas fazes de germinação e crescimento e agora a seara promete ser bela nestes novos campos outrora de aparência maninhos.

Não percebeis que a gangrena já se apoderou do vosso organismo e que baldados serão todos os paliativos com que procurais prolongar a vossa existência!

Quanto a nós, só nos resta cavar bem funda a vala onde seréis precipitados.

Desejariamos de todo coração evitar-nos este trabalho, se fosse ainda possível curar-vos. Porém deixemo-nos de quimeras, — era o mesmo que dizer ao tigre de não devorá-lo mais a vítima que lhe cai entre as garras.

Tratem de ir saboreando os últimos bocados do festim de Babilónia, porque os perigos não tardarão a entrar em Babilónia.

Cuspiestes para o ar...
Rio, 6 — 1 — 1913.

Adreal.

era o «rei dos reis». Ora, o rei dos reis era, então, Augusto. Como foi que Deus o não escolheu para fazer parte dessa adoração? Teria sido uma conquista que impressionaria todo o mundo romano e que confundiria o judaísmo. A Judeia encontrava-se então sob o mandato de Augusto, escravizada à Roma, e isto seria motivo para que a adoração dum tão grande personagem fosse um exemplo que evidenciasse o «rei dos reis» e glorificasse o poder de Deus.

Sucedo porém, que os três reis minúsculos, que viram o homem-deus, não levaram o cristianismo para a Pérsia, em quanto Roma, séculos depois, abraçava a cruz de Cristo!

Como tudo isto é quimérico e não resiste a uma análise imparcial!

Se Cristo tivesse existido no século de Augusto, não era natural que tivesse ido a Roma, então o centro da civilização, e ali pregasse as suas doutrinas? Todos os homens sábios, todos aqueles que se sentem animados dum espírito de evangelização, procuram os grandes centros educativos e de discussão, afrontando até a morte, se tanto for necessário. Servei, Giordano Bruno, S. Paulo, mil outros assim procederam. Cristo não. Preferiu, segundo dizem os evangelistas, pregar nos ignorantes, aqueles que não podiam compreendê-lo e que ainda mesmo quando se convencessem da veridade das suas palavras, nunca poderiam tornar-se correligionários tão valiosos e bons prosélitos como os poderosos romanos. Prefereu deixar repletos a porcos, pregar aos judeus que, depois de vinte séculos, ainda não acreditam na sua doutrina!

Da história de Maomet conhecemos todas as particularidades: a sua família, a tribu

O "prisioneiro" do Vaticano



A lenda

A realidade

EM SANTA RITA DE CALDAS

Padre D. Juan soçado na igreja

Por causa de uma conquista padroal — Igreja transformada em freguesia — Santa balçada — O padre azulou depois da tunda — Consequências da ignorância e fanatismo.

Sabem onde fica tal cidade? A uns oito leguas distante de Póços de Caldas. Conhecem-na? Talvez não, porque é uma vila nova e de pouco desenvolvimento.

O progresso, ali, ainda não entrou, nem entrará tão cedo, em virtude do clericalismo que enlelenta aquele povo, que bem podia estar escarvado com a observação dos vergonhosos factos praticados pelos padres a quem tem sido confiada aquela paróquia.

Conhecem o padre Capello? Ele ali foi vigário. Isto basta porque a sua história como vigário naquela localidade é uma página nova, tão negra como as vestes dos roupetas que empestam o Brasil.

Não é dele, porém, que pretendo falar. É doutro, que como os demais merece o mesmo conceito. Quero falar dum que por ali chegou pelos fins do ano passado, procedente de Portugal, donde saíra expulso em virtude da lei criada por aquela novel republica.

E que fez ele para merecer a honra de uma referência pela coluna da Lanterna? Não sabem? Chegando àquela paróquia, tratou de cretinizar aquele povo da melhor maneira possível. E isto, todavia, não era mais do que continuar um trabalho começado desde muito tempo.

Assim foi que por uma tarde de novembro do ano passado, à noite, quando o rev. vigário daquela paróquia entrava na igreja e se dirigia para o altar a fim de realizar as cerimónias de uma novena, foi inopinadamente vítima de uma agressão, a mão armada, por parte de um grupo de trinta pessoas mais ou menos, o qual, sob o comando do chefe político local, deu-lhe uma formidável surra, da qual, felizmente, escapou com vida, e bem assinalado, bem confundido, bem penitenciado.

Foi, então, uma tristeza!... O caceté, o chicote e o maque entraram em acção, para provar ao

rev. que não é permitido à gente ir entrando em terra alheia.

E como tal vingança obedecia a forças intuitivas, os agressores, no auge de sua revolta, na explosão de seus sentimentos, dispararam tiros, cravando de baía as paredes, o tecto e os altares da igreja.

Foi uma loucura, um delírio que os acometeu naquele momento, resultando d'isso, por esse motivo, um gravíssimo delito, que, com certeza, não deixou de os molestar bastante: a imagem de Santa Rita de Caldas foi atingida pelos projectis snidos das suas armas! A santa quasi ficou reduzida a pandarocas!

Que crime!... Até os santos na igreja não estão garantidos quando os animos se exaltam na revolta contra os homens de roupetas!

O padre português, escapo daquela feita, tratou de dar o fóra o quanto antes possível, mas isso, para cumulo de infelicidade, foi-lhe difícil.

Os seus inimigos, postados nas proximidades da sua residência, permaneciam, ao redor de uma foguetaria, à espera do rev. — talvez para lhe dar cabo da vida.

Que apuros! Uma providencial circunstancia, porém, deu-lhe um momento venturoso naquela triste situação. Começou a chover pelas altas horas da noite, e, com isso, apagada a foguetaria, desaparecidos os seus inimigos, pôde o rev. protegido por algumas pessoas, dar as de Vila Diogo.

E fez bem. Que a lição lhe seja proveitosa, eis os nossos votos.

Como consequencia disso, todavia, deu-se logo depois, na mesma localidade, após a visita pastoral, um outro facto, que por ser monstruoso merece ser registado nestas colunas: o genro do sr. Higinio Pinto, que era decidido e incondicional amigo do padre fugitivo, ao entrar na povoação, foi também agredido pelos mesmos capangas, que lhe fizeram uma descarga, prostrando-o no chão, varado por balas assassinas.

E que fez a justiça? Nada, absolutamente nada. O morto era um inimigo político e o mandatório do assassinato o chefe da localidade, cujo povo ali os prejuizos do fanatismo são sentimentos da perversidade.

E preciso justiça naquela terra.

Novo caso Ferrer

Na Grecia (um dos países que «civilizam» os turcos) esteve a ponto de se consumar um crime como aquele que vitimou Ferrer. Um advogado do Volo, Constantino Xicos, contribuiu para a organização e federação de sindicatos operários e fundara um jornal, *Ergatis* (Operário). Grande e horrível crime!

Mas fizera mais, o scelerado! Defendera no tribunal um grupo de operários, acusados pelo arcebispo de Voz do nefando, crime de ateísmo e de ideias anticlericais. Horro!

Os herejes foram condenados e o advogado preso como chefe e organizador de inimigos da Patria, do Estado, da Igreja e de outras instituições igualmente santas e veneráveis.

Afirmava-se mesmo que ia ser fuzilado como traidor à patria. Mas em todos os países, sobretudo em França, foi logo organizado um energico protesto, e o governo grego, que talvez precise neste momento de não levantar antipatias na opinião europeia, largou ultimamente a presa, com um sem vontade, esperando porventura melhor ocasião, como fez a monarquia espanhola a respeito de Ferrer.

O Cristianismo e a

Emancipação social

Se alguém, sob pretexto de piedade religiosa, ensina o escravo a desprezar seu senhor, a subtrair-se a serviço, ou a não o servir com boa vontade e amor, seja anátema. — (Cánon do Concílio de Gangra, ano de 334).

A Igreja procurou sempre opor-se à emancipação e à revolta dos humildes. Exactamente como o seu cumprimento, o Estado, ela sempre exerceu contra as classes laboriosas uma politica ora suave, ora violenta e brutal, a fim de deter ou empolgar os movimentos de reivindicação.

Ha muito tempo que a Igreja, tendo verificado a sua impotencia para impedir a marcha ascendente do sindicalismo, se pôs a fundar em todos os países sindicatos cristãos, para os quais atrai o maior numero possível de operários.

A Igreja foi sobretudo bem sucedida na Belgica e na Alemanha, onde foi ajudada na empresa pela existencia de classes laboriosas a partidos políticos e sob a tutela directa destes.

Pelos exemplos passados sabemos que sindicalistas cristãos e sindicatos amarelos (isto é, crumiros, traidores à classe operaria) são sinónimos. Não porque os cristãos são lousadamente amarelos, pois sob a fécula capitalista são por vezes obrigados a revoltar-se apesar de tudo: como exemplo, a greve dos cardeiros de Mazamet (1899), na qual se viu uma população na sua maioria católica lutar contra um patronato radical e entregar-se a uma acção directa muito energica. Mas se esta revolta se produziu é porque os cardeiros de Mazamet, embora católicos, agrupados num sindicato confessional, não estavam sob a chafia e a direcção dos padres e dos carolos de marca.

Inumeros são os casos de tração por parte dos sindicatos cristãos na historia das lutas operarias. Entre os exemplos que acoem a memoria, basta citar a attitude dos sindicatos cristãos de mineiros que, na Alemanha, durante a greve de março de 1912, na bacia de Westfalia especialmente, desampararam o papel de fura-grevo, incitando os seus aderentes a continuar o trabalho apesar da cessação resolvida e realizada pelos outros grupos sindicais.

E' aliás a doutrina da Igreja, que sempre facilitou aos poderosos do clero a exploração dos humildes, propagando entre estes a resignação

de que era descendente, toda a sua vida. E' verdade que viveu seis séculos depois daquelle em que se fixa a existencia de Cristo; mas estava-se no principio de Idade Media, em plena barbaria e Maomet pertencia a um povo barbaro. Pelo contrario, Jesus, se fosse verdade o que afirma a Igreja teria vivido num século de brilhante civilização e sob a soberania do povo romano, no apogeu da sua grandezza. Assim, ainda que Maomet tenha vivido «cronologicamente» depois de Cristo, «historicamente» este pertence a uma época muito mais avançada e em que os minimos factos se registavam. Como é, pois, que tudo se sabe de Maomet e tudo se ignora de Cristo?

E que dizer do silencio e da incredulidade dos judeus?

Sobre a existencia de Cristo, temos apenas como documentos os Evangelhos, que evidentemente, não são mais do que um produto da imaginação popular, deturpada através das idades.

Como podemos nós acreditar naquelles que nos asseguram ter visto caminhar sobre as aguas, expulsar os demonios dos corpos dos possesores, resuscitar os mortos e fazer mil milagres?

Aqueles que se referem a uma visita dos fantasticos reis, hoje reverenciados pela Igreja: dum estrela que se converte em archote para os guiar; dum absurdo morticínio de inocentes impossivel no territorio romano, sob o governo de Augusto; aqueles que dizem que Deus se converteu num germen imperceptivel para penetrar nas entranhas dum mulher, a fim de surgir como qualquer mortal, está a caçar com o bom senso humano, com a sciencia e com tudo quanto a boa razão nos indica.

Lino de Macedo.

A «Lanterna» em Portugal

É nome representativo em Lisboa, autorizado a tratar de tudo que se refere a esta folia, o cidadão Neno Vasco, residente à rua das Barrocas, 94, 2.º

o prégando-lhes que a sua situação é querida por Deus e é criminoso revoltar-se.

E não nos venham os casuístas com os sempiternos *dehors* da Igreja lutando contra a escravidão; porque então teriam de nos explicar por que motivo a Igreja, omnipotente na idade-media, não suprimiu a servidão, mas pelo contrario a justificou.

Já no Novo Testamento é sancionada a escravidão, encontrando-se ali prescrições como as seguintes:

"Escravos, obedecedi a vossos senhores segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como ao proprio Christo; não fingido servir como para agradar aos homens, mas como servos de Christo, fazendo do coração a vontade de Deus." (Epistola aos Efésios, VI, 5 a 7).

"Exorta os escravos a que sejam submissos a seus senhores, que em tudo lhes comprazam, que os não contradigam, que ali procurem subtrair-se ao seu castigo, que em tudo lhes testemunhem inteira fidelidade, para assim honrar os ensinamentos do nosso Salvador." (Epist. a Tito, II, 9 e 10).

E esses conselhos foram prodigalizados no decorrer dos seculos, ovindo-se, por exemplo, durante a guerra da Secessão, na America, um sermão prégado em Nova-Orleans, a 29 de novembro de 1860, as palavras seguintes:

"Nesta grande luta, defendamos a causa de Deus e da religião. É impossível negar que o espirito abolicionista seja o espirito alien. A nossa missão é preservar, transmitir a posteridade o nosso sistema de escravidão, e obter para ele o direito de se propagar e de lançar raízes por todas as partes onde a Natureza e a Providencia lhe permitam desenvolver-se."

E como tam bem o faz notor R. Cicotti na sua obra sobre *O declinar da escravidão no mundo antigo*: "se o cristianismo é incompatível com a instituição da escravidão, como explicar que a escravidão tenha podido resuscitar e desenvolver-se no proprio seio da sociedade christã, mantendo-se até o tempo em que mais apogeu tem ao seu renome de cristão, sob a capa de leis cristãs, sob a égide e os auspícios dos governos e soberanos que afirmam ser depositários privilegiados e detentores da fé christã?"

A Igreja amparou então a escravidão, como ampara e justifica hoje a proletarianização, porque é uma força de conservação social e não de transformação. A sua doutrina fundamental é a resignação, a submissão; ora evidentemente só graças ao espirito de revolta é que se poderá realizar a emancipação do proletariado.

Paris, dezembro de 1912.

Henrique Chapoy.

PEDRO KRAPOTKINE

Um periodico espanhol, *Tierra y Libertad*, refere que Krapotkine se encontra doente e que os seus enfermeiros se tem de tratar. Esta noticia confunde a alma. Krapotkine é simplesmente, hoje, um dos homens mais notáveis, senão o mais notável da humanidade. O seu valor não é apenas intelectual — é moral, é espiritual. Não é só um sábio. Pode dizer-se que é um santo — um santo moderno, porventura maior ainda, mais admirável ainda do que esses outros santos que sacrificaram os prazeres transitorios da vida com a mira nas delicias eternas do céu. Krapotkine tem prégado o amor com a palavra e o exemplo; tem feito o bem a sua intervenção nos destinos humanos é de uma alta e consoladora expressão de respeito e de ventura. É um apóstolo de verdades novas que simplesmente nas sublimidades humanas encontra o segredo das perfeições futuras. Mas, se a sua predica é de fé, é de fé e de vida e de vida e de sacrifício. Tudo abandonado, para se tornar verdadeiramente irmão de uma humanidade oprimida e dolorosa. Era príncipe, e tornou-se escravo. Era rico, e tornou-se pobre. Para ter a felicidade vulgar das almas egoístas, bastava-lhe deixar-se viver. Afrouxou a miséria e a dor. Colocou-se, sendo um sábio, ao lado dos ignorantes. Amando a beleza das coisas penhoras na fealdade dos tristes bairros proletários. Mas o seu exemplo fulgurava. He milhares de almas que escutam a sua voz como a de um Messias. O maior dos seus livros, *A Conquista do Pão*, é um Evangelho. Será por isso que está prestes a morrer, num *Calvário* obscuro, como os renovadores, como os *ge-tes*. Se assim suceder não lamentarei apenas a sua sorte. Está na logica dos destinos da humanidade moderna. Lamentarei a humanidade moderna que desdenha que ainda permite esses calvários, e corresponde com o abandono e a indiferença aos mais bellos impulsos do espirito para a levantar!

Mayer Garçon.
(Do Mundo, de Lisboa).

DA PORTA DE FÉ

Agreste geral de 24 horas em França.

600 mil grevistas em greve. — A greve que deve entrar em vigor. — A greve da imprensa e a greve da policia. — Não houve greve! não houve greve alguma! — Um contra-tempestivo do *Temps*: os 47 campones de Arracourt e os 600 mil grevistas em França. — Uma considerável minoria activa. — O cinismo brutal de um financeiro. — Antes a greve e a derrota do que a revolução!

LISBOA, 21 DE DEZEMBRO

A greve geral de 24 horas, resolvida pelo congresso extraordinário da Confederação Geral do Trabalho francesa e efectuada em 16 do corrente, começou a advertência ao governo, alcançou o seu fim: a voz operária soube bem alto.

Gracias aos cartões de greve distribuídos, pôde fazer-se uma estatística aproximada: houve em Paris 110 a 120 mil grevistas e em toda a França seiscentos a setecentos mil. Os comícios foram numerosos e concorridos por todo o país e a manifestação de Lilla revelou uma especial impopularidade, provocando as cóleras da policia.

Metamos agora em conta que certas corporações, como a dos ferro-viários e a dos serviços de saúde, não fizeram greve de acordo com a Confederação; que sobre outras pesaram a ameaça e o terror governamentais e patronais, não se decidiram muitos operários a fazer greve por julgarem não valer a pena arriscar o pão dos filhos por um simples protesto.

Em um dia, portanto, não despedaçou, como uma crise revolucionária, como uma mobilização, interesses e situações; que algumas organizações operárias sentem ainda demais a influência de guias timorosos ou comodistas ou de maus pastores incapazes de pôr de lado, em qualquer circunstância, o seu odio aos homens e métodos da Confederação; que se tratava de uma ideia geral e de um interesse superior, que facilmente apaixonam a massa; — mearam todos isso em conta e faremos uma ideia da importância desta manifestação do valor e intensidade dos sentimentos que animam o proletariado francês, do que significava e representava aquele número de grevistas. Estamos felizmente bem longe do feroz A. Berlin! dos patrioteiros acuaes em parte alguma da França osaram organizar uma contra-manifestação.

Naturalmente, a imprensa a serviço dos financeiros e do poder, tendo antes guardado o silêncio por ordem deste, tratou de desfazer no movimento, vendo-se embora forçada a occupar-se largamente dele, a imitação da policia, pródigo em demonstrações de força, assaltos de locais, prisões e quilladas. E preciso dar aos indecisos, aos indifferentes, a convicção de que em todos reina um grande ardo guerreiro e todos estão prontos a cumprir o mais sagrado dos deveres: o de defender os interesses financeiros e a fácil saída do porco servil.

A greve! Um desastre completo. Grevistas? Algumas dezenas, que foram beber para as tabernas e que Paris não notou. Comícios? De meia duzia de gatos; num deles (que por sinal foi pouco concorrido) houve tam pouca gente, que os oradores desistiram de falar. O comício-monstro de Lillo (30 mil grevistas) e a manifestação de Nard; alguns vagabundos que agrediram a policia.

O grave *Temps* contrariou, mesmo, triunfante, as duas mobilizações; de a Arracourt, unânime e alegre, e da Confederação, gorida. A primeira deu-se por enganado, diz o governo; foi um balão de ar, para "armar ao efeito", afirmam os republicanos. Chamados de repente, *quarenta e sete* reservistas, pobres aldeões de Arracourt, perto da

fronteira, arrancaram-se a custo aos braços das famílias lacrimosas. O *Temps* tem razão: esse triste gesto de obediência passiva, do gado a caminho do matadouro, não se parece absolutamente com o ousado gesto de revolta dos 600 mil grevistas contra a guerra!

Ah! sem dúvida, os grevistas foram ainda poucos para o desejo dos que ansiam por uma nova era; mas o seu número é considerável e apimador. Muitos menos, muitissimo menos proporcionalmente, foram os que iniciaram e mativeram a revolução de 1789. Se uma revolução, sobretudo social, fundamentalmente económica, não pode, para se radicar, ter a hostilidade das massas, e verdade é que, hoje como ontem, estas seguirão a iniciativa das forças minorias, promotoras, empenhadas, audaciosas.

Não, o povo não quer a guerra; e a parte mais inteligente desse povo, sobretudo nos países de mais adiantada evolução social, mostra-se disposto a impedi-la a todo custo. Demais, não a queremos tampouco muitos outros que não são operários nem revolucionários; mas querem-na firmemente e tratam de a provocar os financeiros e grandes industrias, como transigente e declaram a estes dias, segundo refere o

garante o velho e illustre sábio Laisant, um importante banqueiro de Paris, surpreendido num colloquio. E preciso — disse substancialmente o grão da finança — acabar com a organização operária em crescimento e conquistar meio século, ou mais, de paz social; para isso, só a guerra, só uma boa e sejante sangria!... Demais, teremos em breve a carrota da Rússia e é urgente arranjar um caso de força maior. Se não, é a revolução. Bem sabemos que a França ficará mais esmagada do que em 1870; mas nós, os financeiros, ganharemos sempre, e reconstruiremos sobre as ruínas. «A questão de saber quais serão os vencedores ou os vencidos é-nos indifferente; no fim de contas, o nosso inimigo, o proletariado, é que será vencido, e nós é que seremos os vencedores.»

Ante este cinismo brutal, não nos deve surpreender o impudor da imprensa, mentindo arrojadamente para concubir a oposição à guerra e animar os *chaurins*. É um expediente de luta.

Neno Vasco.

A "Lanterna" diaria

Chegam-nos as demonstrações de apoio

Foi recebido com júbilo interesse e noticia da transformação da *Lanterna* em diaria. Numerosas são já as demonstrações de apoio que temos recebido. Muitos amigos e correligionários vieram pessoalmente trazer a sua solidariedade nesta iniciativa de grande importância para a propagação.

Guardamos a pronta resposta de todos os nossos amigos para meter mãos á obra.

Deixando para o proximo numero diversas comunicações recebidas a propósito, damos abrigo á seguinte carta:

"Sr. redactor;

Estusiasmado li no ultimo numero de seu apreciável jornal a noticia da iniciativa por v. a. tomada de o publicar diariamente. Diante da pergunta dirigida aos amigos da *Lanterna*, a todos os homens livres, venho declarar que estou de pleno accordo com a ideia e pronto para cooperar para a sua realização na medida de minhas forças.

Na minha alma de homem livre de preconceitos, do ferrenho ser-

vidor dos principios modernos de consciência humana, na minha alma de revoluto, doí profunda-mente a verificação das graves injustiças que todos os dias entre nós se praticam, dos factos indecorosos que por aqui e por ali se vêem, sem que uma voz independente e forte e energica se levante com um protesto. Deem-nos como punhaladas as palavras subversivas dessa imprensa vana e estúpida que vejo por ali alardeando servilismo e pouca vergonha, lambendo os pés do primeiro mastim que se lhe põe de frente mundo dum punhado de alagados. Os factos os mais indecorosos são noticiados por esses traficantes com o melhor das intenções, mas embaraça a verdade, falam embora o bom-senso, aqui e ali embora os mais comensais principios de liberdade. Só visam um fim unico, um unico ideal, a subversão dos cores publicos. Só para isso falam, só para isso vivem as suas patéticas consciências. Bajulam, intrigam, praticam-se para a consecução da manutenção do governo. Depois de alagado e de deslizado, bajulam, tocam, servilizam-se para conservar a subversão do dinheiro publico.

Na o quadro desolador de nossa imprensa, eis de que é composto o espirito que alimenta as celebradas "massas". E o povo não vê essas coisas e, se vê, continua passivamente contribuido para essa indigna mercancia, a falta de um sentido independente, que lhe forneça as noticias de um conhecimento humano e mundial e se não se sirva aos seus interesses, defendendo os seus direitos com frequência comparados. A *Lanterna* se qual não lhe pode prestar esse valioso auxilio. Urge pois transferir-nos em diário, conforme o plano que já temos em mente, a necessidade de novo publico, demonstrar de se o fazer.

Eu aqui estou para preparar o corpo das minhas fracas forças, e estou certo que do nosso lado estarão todos quantos, liberos de preconceitos, amigos de justiça, com a consciência e a humanidade para se lutar por estes fins. A estorquira humana dos nossos jornais de todos os dias.

Do seu, etc.

Alfonso de M. Carvalho.

As contradições

dos Evangelhos

Vamos terminar o nosso estudo. Bado-seja, é verdade, escrever um livro a respeito do assunto que constitui o epigrafe de nosso trabalho. Não é esse, no entanto, o alvo que visamos. Quisemos dar ao benévolo leitor palida ideia do valor dos pseudos livros sagrados. Outros assuntos mais importantes demandam, por outro lado, nossa attenção.

Os milagres nos evangelhos, os nomes dos discipulos de Jesus, os discursos de Jesus, a vida de Jesus, a morte de Jesus, Marcos e João dando lúas diversas das indicadas por Lucas e Mateus, e discordantes tambem entre si a inscripção da cruz diversa em cada evangelho; a genealogia de Christo diferente em Mateus e Lucas, são as principais contradições, alem das que já notamos, que se encontram nos Evangelhos.

A concepção de Christo do quarto evangelista (João) difere da dos synopticos como a agulha do vinho. No ultimo se um apóstolo, Jesus impetente, irritante, recordando de cada passo a sua qualidade messianica; nos primeiros Jesus é mais humano, mais afável, mais simpático.

Sob o ponto de vista literario os Evangelhos constituem uma verdadeira obra prima.

Nada mais eloquente que a predica de Jesus que se lê no cap. XXIII de Mateus. Na impossibilidade de a transcrevermos toda veremos alguns trechos que se ajustam como uma luva á classe social a que se refere: "Então falou Jesus aos seus discipulos. (v. 1) (v. 5). E fazem todas as suas obras para serem vistos dos homens, por isso trazem as suas largas tiras de pergaminhos e grandes franjas (v. 6). E gostam de ter nos banquetes os primeiros lugares e nas sinagogas as primeiras cadeiras (v. 7). E de que os saudem na praça e os chamem mestres" —

Rio, 25 — 12 — 1912.

Eduardo Vital.

Contra a lei-arrocho

Ainda os protestos — Reuniões e comícios — A Liga Anticlerical pediu o apoio da F. I. do Livre Pensamento

A Liga Anticlerical

A Liga Anticlerical da Ilha de Jacaré votou em sua ultima assembleia a seguinte moção sobre a lei de expulsão de estrangeiros:

"Propomos que a Liga Anticlerical, por intermedio do seu organo official, a *Lanterna* — e por meio dos outros jornais desta capital, promova, por protesto contra a lei de expulsão recentemente votada pelo Congresso Nacional:

Que officio também a Federação Internacional da Livre Pensão de Bruxelas pedida a mesma auxilio na propaganda contra essa lei inhumana, a qual desde que tor conhecida na Europa causou a paralisação da emigração para o Brasil, terra onde os jesuitas que a governam vivem a torjar leis como esta para sublevar a liberdade de consciência, colocando assim o direito primordial do povo trabalhador e do estrangeiro, a mesma tempo, uma das bases principaes da Constituição da Republica Brasileira aprovada em 1891.

O meio que propomos para praticar pelos jornais é uma moção aprovada pela presente assembleia, a qual é a seguinte:

"Considerando que a lei de expulsão aprovada pelo Congresso Nacional foi creada com o fim exclusivo de impedir o desenvolvimento da propaganda de organização da classe proletaria;

Considerando que essa lei será o protesto para se perseguir todo operário, por aucto todo homem conscio dos seus direitos;

Considerando que essa lei será de consequencia funesta para o progresso da civilização no Brasil;

Considerando enfim que essa lei veio ferir a dignidade do proletariado tanto estrangeiro como nacional e, alipda que, eliminou uma das bases da Constituição Brasileira aprovada em 1891, constituindo um retrocesso de civilização;

A Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, em assembleia geral ordinaria em 3 de Janeiro de 1913, resolveu protestar energicamente contra essa lei inquisitorial opressora da liberdade individual e de consciência, portanto o mais sagrado direito do homem."

Antônio Rom, Adolfo Balse.

No Rio realizou-se uma reunião — Um proximo comício.

Promovida pelo Centro Cosmopolita, realizou-se no Rio, na segunda-feira passada, uma reunião de protesto contra a lei infame da expulsão da oligarchia paulista.

A's 10 horas da noite, sob a presidência do Dr. Caio Monteiro de Barros, que convidou para a sessão os senhores Dr. José de Barros, Dr. Roberto de Barros, presidente do Centro Cosmopolita e Cecilio Vilar, da Confederação Operaria Brasileira.

Fala em primeiro lugar o Dr. Caio de Barros, que declara que os fins da reunião.

Fali depois Cecilio Vilar, que em nome da Confederação Operaria, protesta contra a lei e historia as perseguições praticadas com os trabalhadores de Santos.

Fala tambem o operario Candido Costa, que se alonga em considerações tendentes a fazer salientar a infamia da lei de expulsão.

Segue-se com uso da palavra o presidente do Centro Cosmopolita, que explica qual a acção da sua colectividade prometendo incondicional apoio ao protesto contra a lei.

Francisco Vilar tambem faz algumas considerações dando a sua opinião sobre a lei.

Bento Alonzo diz depois de sua justica.

Fala Habel Serrato Munhoz, que censura asperamente a lei, e aconselha que os operarios saibam cumprir com o seu dever, terminando por apresentar a realização do comício publico.

Manoel Conard tambem se declara solidario com o protesto.

Pedro Matoso lê o seu protesto contra a lei.

Logo depois da leitura da lei, o Sr. Aires de Castro, que diz que a lei é a lei e faz varios comentarios.

Mariano Garcia, faz uso da palavra, para declarar que não fez o seu protesto.

Fala ainda Cruz e Silva, que dá a sua adesão ao protesto.

Foram presentes á mesa moções e propostas e entre ellas uma para se promover um comício publico, ficando indicada uma comissão para esse fim.

Fala de novo o presidente, que reforça a seu protesto contra a inconstitucional lei aprovada de alodigado pelo Congresso.

Em Santos a policia impediu a realização de um comício.

Em outra parte do jornal publicamos um artigo de João Crispino sobre as violências praticadas pela policia figura do delegado da cidade para impedir a realização de um comício de protesto contra a lei de expulsão.

A Federação Operaria distribuiu gratuitamente um energico manifesto convidando o povo para o comício que se fará realizar ás 2 horas da tarde de domingo.

Essa reunião tinha por objecto protestar contra as leis scleradas argentinas e ao mesmo tempo contra a lei de expulsão brasileira.

A policia, em hora á Constitucional, impediu a sua realização, provocando diversas operarias.

Entretanto, o protesto foi lançado com o manifesto distribuido.

Uma reunião em S. Paulo

Para tratar da formação de um comitê de agitação, realiza-se, hoje, em capital, uma reunião preparatoria.

NOTAS DE UM PEREGRINO EM PROPAGANDA PELA INTERIOR DO ESTADO

A cidade de dezembro, afinal, sei do Rio de Janeiro, partido para outras direções.

As, deixando aqum importante cidade, permaneci por alguns momentos, de passagem, em

Vila Bonfim

Cheguei pela manhã e tratei de aproveitar o tempo, que estava bom, fresco e agradável.

O meu primeiro aquilão localizava-se no Rio. Há ali menos de meia duzia de annos, a *Lanterna*, que visito com frequência, porque todos moram nas proximidades da estação.

O sr. Roberto de Barros, por exemplo, que me recebeu na sua casa, é o fundador do jornal.

Depois, fui pela villa, percorri algumas das suas ruas e observei o seu progresso.

Bonfim é um lugar, poqueno embora, mas com edificações bem dispostas, ruas alinhadas, limpas, com bons estabelecimentos comerciais, farmacia, etc.

E logo, feito o meu primeiro volte á estação, para tomar o trem das 11 e tanto da manhã. E, por acaso, tive o prazer de ver o sr. Francisco Ramos, distinto medico residente em Bonfim, que tem uma grã de clinica nesta villa.

Acabava de chegar para almoçar a sua sen consorte, que fez um fructo de estagio, quando o Sr. paguente ali apparecia a letura d'A *Lanterna*.

Sim, a *Lanterna* é um bom jornal, mas não posso com a sua orthographia, não posso com a sua orthographia, não posso com a sua orthographia, não posso com a sua orthographia.

— Mas, doutor, diz-lhe em a forma orthographia, para *Lanterna*, faz-se necessario, porque é a que mais popular, lida por operarios, que precisam ser distribuidos de acordo com as ideias modernas. Não ali a razão de.

E pedindo-lhe desculpas por isso, cumprimentei o Sr. de Bonfim, dirigindo-me á estação.

S. Simão

Está já sendo quando chegou. Entretanto, aproveitou o tempo de deslocamento de a auxilio do sr. João Luiz de Carvalho, que me acompanhava pela cidade em visita aos estabelecimentos de nossa villa.

A sua gentileza não valeu muito, mas, que difficuldade! Seis preceitos de tempo.

Tudo, assim, foi bastante bom. A noite já tinha visto do qual todos, tendo conseguido com a sua visita, para a manutenção d'A *Lanterna*.

